

## BENTO TEIXEIRA, A INQUISIÇÃO E A PROSOPOPEIA

### BENTO TEIXEIRA, THE INQUISITION AND PROSOPOPEIA

PAULO ROBERTO PEREIRA<sup>1</sup>

#### Resumo

A inquisição portuguesa no Brasil quinhentista e a identidade de Bento Teixeira, poeta cristão-novo. O professor de latim que conhecia os clássicos greco-latinos e os textos bíblicos. O processo inquisitorial de Bento Teixeira. Duarte Coelho e a fundação da capitania de Pernambuco. Jorge de Albuquerque Coelho, herói da *Prosopopeia*, poema épico renascentista. A presença de valores judaicos na *Prosopopeia*, primeiro poema brasileiro publicado. A *imitatio* segundo Quintiliano e as epopeias clássicas. As edições comentadas da *Prosopopeia*.

**Palavras-chave:** Inquisição no Brasil. Letrado Bento Teixeira. *Prosopopeia* poema épico.

#### Abstract

*The Portuguese Inquisition in sixteenth-century Brazil and the identity of Bento Teixeira, a New Christian poet. The Latin teacher who was familiar with Greco-Latin classics and biblical texts. The inquisitorial process of Bento Teixeira. Duarte Coelho and the founding of the captaincy of Pernambuco. Jorge de Albuquerque Coelho, hero of Prosopopeia, a Renaissance epic poem. The presence of Jewish values in Prosopopeia, the first published Brazilian poem. Imitatio according to Quintilian and classical epics. The annotated editions of Prosopopeia.*

**Keywords:** *Inquisition in Brazil. the learned professor Bento Teixeira. Prosopopeia epic poem.*

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense; Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. E-mail: paulorobertopereira08@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3827-8230>.

À memória de Celso Cunha,  
benemérito editor de Bento Teixeira.

Para traçar o perfil biográfico de Bento Teixeira, letrado cristão-novo nascido em Portugal, que viveu, a partir de 1567, nas capitanias do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, até ser preso pela Inquisição e ser enviado para Lisboa em 1595, deve-se ter em conta as peculiaridades da nascente sociedade brasileira das últimas décadas do século XVI. Contaminada pelo vírus inquisitorial, após o papa Paulo III autorizar, em 1536, a instalação do Tribunal da Inquisição em Portugal, a sociedade lusitana tornara-se ainda mais intolerante com os judeus forçados a se converterem ao cristianismo, não deixando de perseguir os convertidos, agora cristãos-novos, que faziam parte da nascente burguesia mercantil.<sup>2</sup> Assim, as prisões efetuadas pelo longo braço da Inquisição portuguesa no Brasil colonial desvendaram muitos mistérios, como a verdadeira identidade de Bento Teixeira, que veio criança para o Brasil, aqui estudou e se tornou um dos homens mais cultos do seu tempo. Certamente, a curiosidade intelectual de Bento Teixeira, letrado polemista conforme se verifica no seu processo inquisitorial, sofreria forte restrição, pois, em 1547, o Inquisidor-Geral, cardeal infante D. Henrique, ordenou a divulgação da primeira lista, ainda manuscrita, de livros proibidos, impedidos de entrarem em Portugal e de serem lidos e impressos, de autores considerados hereges. Em 1551, o cardeal infante mandou publicar em Lisboa o "*Rol de livros proibidos*", primeira lista impressa de livros impedidos pela Inquisição de circular em Portugal.<sup>3</sup> Assim, sob o domínio da Contrarreforma Católica fundamentada no Concílio de Trento (1545-1563), Portugal iniciava sua decadência como potência naval e cultural do Renascimento, culminando com a derrocada na batalha de Alcácer-Quibir, em 1578; e a incorporação ao estado espanhol, em 1580. Bento Teixeira vivenciou essa nova realidade de um Brasil filipino intolerante com os marranos ou cristãos-novos em que a Inquisição portuguesa continuava com sua autonomia sob o governo dos Habsburgos. Portanto, apesar das denúncias e repressão, Bento Teixeira continuava lendo livros proibidos pelo índice do cardeal inquisidor e escrevendo um poema épico que exaltava a família Coelho de Albuquerque que colonizara Pernambuco.

---

<sup>2</sup> SARAIVA, António José. *Inquisição e cristãos-novos*. 4 ed. Porto: Inova, 1969.

<sup>3</sup> RÉVAH, I. S. *La censure inquisitoriale portugaise au XVI.e siècle*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1960; SÁ, Artur Moreira de. *Índice dos livros proibidos em Portugal no século XVI*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983; BASTOS, José Timóteo da Silva. *História da censura intelectual em Portugal*. 2 ed. Lisboa: Moraes, 1983, especialmente p. 37-56.

Durante séculos Bento Teixeira foi tido como natural de Pernambuco e que se chamava Bento Teixeira Pinto, conforme informava Diogo Barbosa Machado, o primeiro a revelar sua existência e informar corretamente sobre o aparecimento do seu poema épico.<sup>4</sup> E, no alvorecer do século XIX, Ferdinand Denis proclamou que Bento Teixeira era o primeiro poeta brasileiro. O que foi seguido pelos inúmeros estudos surgidos sobre sua vida e sua obra, ampliando as informações, muitas delas equivocadas, sobre esse letrado quinhentista. Mas, sob o patrocínio de Paulo Prado, a partir de 1922, começou-se a editar as visitasões do Santo Ofício às capitâneas da Bahia e de Pernambuco, ocorridas entre 1591-1595. Quando, em 1929, Rodolfo Garcia trouxe a público as denúncias e confissões das visitasões do Santo Ofício a Pernambuco, 1593-1595,<sup>5</sup> e, em 1960, Arnold Wiznitzer<sup>6</sup> e José Antônio Gonsalves de Mello,<sup>7</sup> simultaneamente, tiveram acesso ao processo de Bento Teixeira achado na Torre do Tombo em 1952, que revelava a perseguição que sofrera na Inquisição de Portugal<sup>8</sup>, finalmente se pôde conhecer essa figura única de letrado culto e refinado que fora professor de prestígio em Pernambuco, cultivara a poesia e que, de maneira satírica e fescenina, “jurara pelas partes mais vergonhosas da Virgem Nossa Senhora” e “pelas tripas de Cristo nosso Redentor”<sup>9</sup>.

As denúncias de Pernambuco revelaram que Bento Teixeira, nascido em 1561 e batizado na Igreja Matriz do Porto, tinha, finalmente, a sua origem confirmada, pois dissera, perante a mesa do Santo Ofício, em 21 de janeiro de 1594, “ser cristão-novo, natural da cidade do Porto, filho de Manuel Álvares de Barros, cristão-novo, e de sua mulher Leonor Rodrigues, cristã-nova, defuntos, de idade de trinta e três anos, casado com Felipa Raposo, cristã-velha, mestre de ensinar moços o Latim e a ler e escrever.”<sup>10</sup> Pode-se acrescentar ao

---

<sup>4</sup> MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca lusitana*. Lisboa: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, tomo I, 1741, p. 512.

<sup>5</sup> GARCIA, Rodolfo (introdução). *Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil* pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça. Denúncias de Pernambuco, 1593-1595. São Paulo: Paulo Prado, 1929.

<sup>6</sup> WIZNITZER, Arnold. *Os judeus no Brasil colonial*. Tradução de Olivia Krähenbühl [1960]. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1966, p. 23-27.

<sup>7</sup> MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Estudos pernambucanos*. Recife: Universidade do Recife/Imprensa Universitária, 1960.

<sup>8</sup> Processo de Bento Teixeira, cristão-novo, mestre de gramática, viúvo, natural da Cidade do Porto, residente na Vila de Olinda, Capitania de Pernambuco, no Brasil, preso nos cárceres do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa. Processo nº 5.206 do Cartório da Inquisição de Portugal. Instituto de Arquivos Nacionais da Torre do Tombo, Lisboa.

<sup>9</sup> Testemunhos anexados ao Processo nº 5.206 do Cartório da Inquisição de Portugal. ANTT, Lisboa. In: MELLO, José Antônio Gonsalves de. Um intelectual cristão-novo: Bento Teixeira. In: *Gente da nação*. 2 ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1996, p. 108.

<sup>10</sup> ALVES, Luiz Roberto. *Confissão, poesia e inquisição*. São Paulo: Ática, 1983, p. 32; MELLO, José Antônio Gonsalves de. Um intelectual cristão-novo: Bento Teixeira. In: *Gente da nação*. 2 ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1996, p. 86.

perfil biográfico de Bento Teixeira que ele teve com Felipa Raposo um filho e uma filha que, provavelmente, morreram jovens, pois ele só os cita uma vez no seu processo inquisitorial. Bento Teixeira tinha um só irmão por nome Fernão Rodrigues da Paz, também professor, que, na década de 1590, vivia na Ilha de Itamaracá. Fernão foi citado nas *Denúncias de Pernambuco* pela denúncia que fez contra um seu desafeto, mas não chegou a ser incomodado pela Inquisição. A família de Bento Teixeira era formada por cristãos-novos e a família da mulher por cristãos-velhos. Lembra Eneida Beraldi Ribeiro que a família de Bento Teixeira fazia parte da importante comunidade marrana da cidade do Porto, sendo, provavelmente, parente do filósofo Uriel da Costa (Porto: 1585; Amsterdã: 1640), destacado pensador da comunidade sefardita de judeus portugueses de Amsterdã,<sup>11</sup> como sugeriu I.S. Révah no seu clássico estudo.<sup>12</sup> Lembra James Nelson Novoa, ao realizar exaustivo estudo sobre as ramificações da família cristã-nova dos Teixeira do Porto, que “os vínculos da família se estendiam de Portugal continental ao Brasil e à Itália e, eventualmente, a comunidade sefardita de Amsterdã, numa demonstração do tipo de interconexão de parentesco e sociabilidade na diáspora cristã-nova que se estendeu do Mediterrâneo ao Atlântico.”<sup>13</sup>

Na primeira visita que o representante do Santo Ofício da Inquisição, licenciado Heitor Furtado de Mendonça, fez à capitania da Bahia, em 1591-1592, foi denunciado o professor e poeta Bento Teixeira. A seguir, o visitador dirigiu-se a Pernambuco que era, no final do século XVI, a mais próspera capitania do Brasil.<sup>14</sup> Lá também o poeta voltou a ser acusado, por explicar e traduzir salmos bíblicos, se vangloriar de ler e possuir, entre outros livros, a *Diana*, de Jorge de Montemor, as *Metamorfoses* de Ovídio, além de outras obras incluídas no “*Rol de livros proibidos*” pela Inquisição, a demonstrar que dominava o latim, conhecia os clássicos greco-latinos e os textos bíblicos.

---

<sup>11</sup> RIBEIRO, Eneida Beraldi. *Bento Teixeira e a Inquisição: Um testemunho do pensamento colonial*. São Paulo: Editora Maayanot, 2017, p. 82-84.

<sup>12</sup> Révah, I. S. “La religion d’Uriel da Costa. Marrane de Porto (d’après des documents inédits)”. *Revue de l’histoire des religions*. Année 1962 (161-1), 45-76.

<sup>13</sup> “The family’s links were to extend from continental Portugal to Brazil and Italy and eventually to the Sephardic community of Amsterdam, a show of the kind of interconnectedness of kin and sociability in the New Christian diaspora that extended from the Mediterranean to the Atlantic.” In: NOVOA, James Nelson. *A Family of the Nação from the Atlantic to the Mediterranean and Beyond (1497-1640)*. In: Kaplan, Yosef (Edited). *Religious Changes and Cultural Transformations in The Early Modern Western Sephardic Communities*. Leiden/Boston: Brill, 2020, pp. 22-42, p. 23.

<sup>14</sup> MENDOÇA, Heitor Furtado de. *Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil. Confissões da Bahia: 1591-1592*. Prefácio de J. Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1935; MELO, José Antônio Gonsalves de (Editor). *Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil. Confissões de Pernambuco: 1594-1595*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.; NOVINSKY, Anita. *Inquisição: prisioneiros do Brasil*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2002, p. 71.

As revelações sobre Bento Teixeira a partir dos versos da *Prosopopeia* e dos vários depoimentos que fez no seu processo inquisitorial demonstram ser ele um letrado de saber enciclopédico. Esse conhecimento que transparece na sua epopeia em louvor do governador Jorge de Albuquerque Coelho, adquirido nas escolas da Companhia de Jesus que frequentou desde a infância, confirmam o grande legado do ensino jesuítico no Brasil colonial. Lembra Sonia A. Siqueira que “através da Companhia de Jesus, precipuamente, era ainda do clero a função de ensinar. Em Pernambuco e Bahia havia apenas três mestres leigos: Bento Teixeira, Fernão Rodrigues da Paz e Gabriel Gonçalves.”<sup>15</sup> Em torno de 1585, Bento Teixeira suspendeu o Curso de Artes no Colégio Jesuíta da Bahia, desistindo da formatura por diversos motivos. Talvez, no seu íntimo, falasse mais alto a herança da fé hebraica inoculada por sua mãe. Então, dirige-se a Pernambuco, a mais próspera capitania do Brasil, e inicia-se no magistério.

Depois que vieram a público, no início do século XX, as informações corretas sobre Bento Teixeira, foi produzido grande número de trabalhos biográficos, históricos e literários sobre o estigmatizado cristão-novo e o seu poema épico *Prosopopeia*, tão equivocadamente criticado. Embora nascido na cidade do Porto, Bento Teixeira viveu toda a sua vida adulta no Brasil, só voltou a Portugal quando foi preso, a 20 de agosto de 1595, em Olinda, por ordem do visitador Heitor Furtado de Mendonça, acusado, como cristão-novo, de praticar a religião mosaica às ocultas. Chegou a Lisboa a primeiro de janeiro de 1596, dando entrada nos cárceres do Palácio dos Estaus a 8 de janeiro desse ano. Durante quatro anos foi interrogado e, certamente, torturado. Foi sentenciado no auto de fé de 31 de janeiro de 1599, com o confisco de bens, abjuração em forma, cárcere e hábito penitencial perpétuo, instrução na fé católica, penitências espirituais. Saiu do presídio inquisitorial a 30 de outubro de 1599, sendo autorizado a morar em Lisboa. Não tendo recursos, voltou a residir no presídio, mas pouco tempo viveu. No ano seguinte, em 9 de abril, recebeu a visita do médico do Santo Ofício, João Álvares Pinheiro, que constatou estar ele com tuberculose. Bento Teixeira faleceu, escarrando sangue, no final de julho de 1600.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> SIQUEIRA, Sonia A. *A inquisição portuguesa e a sociedade colonial*. São Paulo: Ática, 1978, p. 83.

<sup>16</sup> ALVES, Luiz Roberto. *Confissão, poesia e inquisição*. São Paulo: Ática, 1983, p. 102; SOUZA, Juarlyson Jhones Santos de. O mestre de moços: Bento Teixeira e a cultura letrada na América Portuguesa em fins do século XVI (c. 1566- c. 1595). Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2015, p. 168.

Depois de tantos estudos sobre Bento Teixeira e sua obra, provavelmente, a principal informação biográfica sobre ele se deve a José Antonio Gonsalves de Mello.<sup>17</sup> Sua trajetória de cristão-novo, sua prisão pela Inquisição portuguesa e os detalhes do seu processo inquisitorial motivaram excelentes trabalhos, como o de Sonia Aparecida Siqueira,<sup>18</sup> o de Luiz Roberto Alves<sup>19</sup> e o de Juarlyson Jhones Santos de Souza<sup>20</sup> que analisaram o processo 5.206, que traz o itinerário de prisioneiro com minúcias da sua vida desde a infância até o momento em que seus desafetos o denunciaram por aquilo que a dramaturga Miriam Halfim denominou, na sua peça teatral, de “O língua-solta”.<sup>21</sup> Publicaram-se algumas biografias de Bento Teixeira, como *O primeiro brasileiro*, de Gilberto Vilar,<sup>22</sup> livro que mistura seguro informe histórico com técnica ficcional; *Os rios turvos*, ficção escrita por Luzilá Gonçalves Ferreira,<sup>23</sup> dedicada a esmiuçar a vida de Felipa Raposo, mulher do poeta de quem o pouco que se sabe é o que ele conta em seus depoimentos. Bento Teixeira matou a esposa a facadas, em dezembro de 1594, refugiando-se no Mosteiro de São Bento, em Olinda. Ele a acusava reiteradamente de lhe ser infiel, o traindo com vários homens, mudando de residência cada vez que ela arranjava um amante.

J. Galante de Sousa publicou dois trabalhos fundamentais para se conhecer o itinerário do professor cristão-novo: *Em torno do poeta Bento Teixeira*<sup>24</sup> e o verbete na *Enciclopédia de literatura brasileira*,<sup>25</sup> oferecendo importantes informações sobre a acidentada trajetória do poeta e do seu único livro. Sérgio Buarque de Holanda, com a sua refinada erudição, escreveu um importante ensaio sobre “o ideal heroico”, colocando a *Prosopopeia* como o centro da discussão, ao lembrar que “os críticos modernos se têm dividido quanto ao mérito literário do poema, inclinando-se muitos, talvez a maioria, por uma posição francamente adversa, o fato é que tais juízos nem sempre parecem ditados por uma

---

<sup>17</sup> MELLO, José Antonio Gonsalves de. Um intelectual cristão-novo: Bento Teixeira. In: \_\_\_\_\_. *Gente da nação*. 2 ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1996. p. 81-116.

<sup>18</sup> SIQUEIRA, Sônia Aparecida. O cristão-novo Bento Teixeira: cripto-judaísmo no Brasil Colônia. Separata da *Revista de História*, nº 90. São Paulo, 1972.

<sup>19</sup> ALVES, Luiz Roberto. *Confissão, poesia e inquisição*. São Paulo: Ática, 1983.

<sup>20</sup> SOUZA, Juarlyson Jhones Santos de. O mestre de moços: Bento Teixeira e a cultura letrada na América Portuguesa em fins do século XVI (c. 1566- c. 1595). Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2015.

<sup>21</sup> HALFIM, Miriam. *O língua-solta*. Rio de Janeiro: Réptil, 2009.

<sup>22</sup> VILAR, Gilberto. *O primeiro brasileiro*. São Paulo: Marco Zero, 1995.

<sup>23</sup> FERREIRA, Luzilá Gonçalves. *Os rios turvos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

<sup>24</sup> SOUSA, J. Galante de. *Em torno do poeta Bento Teixeira*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1972.

<sup>25</sup> SOUSA, J. Galante de. Bento Teixeira. In: COUTINHO, Afrânio e SOUSA, J. Galante (Dir.). *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2 ed. São Paulo: Global, 2001, p.1560.

consideração perfeitamente objetiva da obra.”<sup>26</sup> Já Eduardo Portella situa a *Prosopopeia* ante a crise maneirista em que o contexto renascentista permitiu ao poeta absorver o legado da cultura clássica.<sup>27</sup> Por outro lado, Lucinéa Rinaldi escreveu uma bela e instigante tese, “Entre a *Prosopopeia* e a viagem”, em que o poema de Bento Teixeira surge como motivo condutor de uma imaginária viagem pelo texto em que marcas temáticas perpassam por Pernambuco.<sup>28</sup> Enquanto que Alexei Bueno lembra que “apesar da grande dívida camoniana e dos objetivos encomiásticos, a *Prosopopeia*, composta por 94 oitavas, é menos fraca do que a fama que deixou, possuindo mesmo algumas estrofes admiráveis”<sup>29</sup>

Bento Teixeira, enquanto cristão-novo perseguido pela inquisição, sob a acusação de judaizante, se comportou como crítico severo dos valores religiosos do judaísmo e do catolicismo, como consta no processo 5.206 da Torre do Tombo. O que confirma ser ele um letrado dividido ante a crise que emergiu na Renascença, opondo o catolicismo dominante da Contrarreforma a outras correntes religiosas. Ressalta Adma Muhana que “de todo modo, nada na *Prosopopeia* faz transparecer concepções judaicas, tudo apontando para valores professados pelo cristianismo contrarreformado do final do Quinhentos.”<sup>30</sup> Questão que Rubens Borba de Moraes já abordara contestando a presença de valores judaicos na *Prosopopeia*, apesar da insistência de se ver no poema símbolos da comunidade sefaradita, e mesmo da Cabala, como defendem Arnold Wiznitzer, Sonia A. Siqueira, Kenia Maria de Almeida Pereira e Lúcia Helena Costigan, que realça o letrado cristão-novo Bento Teixeira como sujeito colonial que nos legou a *Prosopopeia* como obra contaminada de significados de origem judaica.<sup>31</sup>

O poema épico *Prosopopeia*, editado em Lisboa em 1601,<sup>32</sup> teve trajetória editorial confusa por vir como apêndice à narrativa trágico-marítima *Naufração que passou Jorge de*

---

<sup>26</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de literatura colonial*. Org. Antonio Candido. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 39.

<sup>27</sup> PORTELLA, Eduardo. Renascimento e contra-renascimento no Brasil. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 48:3-20, 1977, especialmente 14-20.

<sup>28</sup> Rinaldi, Lucinéa. *Entre a Prosopopeia e a viagem: Poética e narrativa por letras coloniais*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.

<sup>29</sup> BUENO, Alexei. *Uma história da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2007, p. 20.

<sup>30</sup> MUHAMA, Adma. Bento Teixeira. Epopeia de derrotas. In: FERNANDES, Annie Gisele e OLIVEIRA, Paulo Moita (Org.). *Literatura Portuguesa Aquém-Mar*. Campinas: Komedi, 2005, pp. 151-168, especialmente p. 152.

<sup>31</sup> COSTIGAN, Lúcia Helena. Literatura, meio-ambiente e questões sócio-antropológicas: letrados barrocos e intelectuais pós-modernos. *Revista Iberoamericana*. Vol. LXIII, Num. 181, Outubro-Diciembre 1997; 607-620; COSTIGAN, Lúcia Helena. O cristão-novo letrado como sujeito colonial no Brasil e no México seiscentista: questões historiográficas e canônicas. *Revista Iberoamericana*, v; LXXVIII, n. 241, pp. 651-661, oct./dic. 2012.

<sup>32</sup> TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*. Lisboa: Antonio Alvarez, 1601. Primeira edição contendo a *Prosopopeia* e o *Naufração que passou Jorge de Albuquerque Coelho, Capitão e Governador de Pernambuco*, do piloto Afonso Luís.

*Albuquerque Coelho, Capitão e Governador de Pernambuco*, de autoria do piloto de navegação Afonso Luís,<sup>33</sup> com texto revisto por Antônio de Castro, conhecido como bom poeta e latinista.<sup>34</sup> Assim, iniciava-se por meio de um texto em prosa e de outro em verso a trajetória brasileira dos descendentes do navegador Gonçalo Coelho, que comandou as duas primeiras expedições exploratórias ao Brasil (1501-1502 e 1503-1504). Seu filho Duarte Coelho recebeu do rei Dom João III a Capitania de Pernambuco em 1534, chegando ao Brasil em 1535, acompanhado de grande comitiva, tornando a sua capitania, com o cultivo da cana-de-açúcar, a mais próspera do Brasil.<sup>35</sup> A preocupação de Duarte Coelho com o desenvolvimento da capitania de Pernambuco está refletida na sua correspondência enviada ao rei D. João III, podendo se dizer que ele “era essencialmente um fundador de nação, um defensor da estabilidade social e da ordem jurídica. Um criador de riqueza baseada na agricultura e não um explorador de bens da natureza. Um fundador de colônia de plantação e não de colônia de exploração.”<sup>36</sup>

Na ausência e depois morte em Portugal de Duarte Coelho, em 1554, Pernambuco foi governada por sua mulher Brites ou Beatriz de Albuquerque Coelho. Diz José de Anchieta: “Dona Brites de Albuquerque, governadora e quase mãe deste povo, faleceu este ano (1584, a data da carta).”<sup>37</sup> Portanto, Brites de Albuquerque sobreviveu ao seu filho mais velho, Duarte Coelho de Albuquerque, morto em 1581, que sucederia ao pai. Ela governou Pernambuco até a sua morte, em 1584, pela ausência do segundo filho, Jorge de Albuquerque Coelho, que voltara a Portugal em 1576, não mais retornando ao Brasil, morrendo em Lisboa em 1603. Dois anos antes, em 1601, fora publicada a *Prosopopeia*,<sup>38</sup> apresentando Jorge de Albuquerque Coelho como o herói da Nova Lusitânia, na história narrada por Bento Teixeira sobre a fundação de Pernambuco.

Analisado no contexto histórico-cultural do Renascimento, em que as epopeias tinham como modelo as criações de Homero, Virgílio, Tasso e Camões, Bento Teixeira se sobressai como um autor que soube cantar as façanhas de uma família que está entre as

---

<sup>33</sup> PILOTO, Afonso Luiz e TEYXEYRA, Bento. *Naufregio e Prosopopeia*. Prefácio de José Antônio Gonsalves de Melo e introdução de Fernando de Oliveira Mota. 5ª ed. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

<sup>34</sup> SOUSA, J. Galante de. *Em torno do poeta Bento Teixeira*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1972, p. 111-112.

<sup>35</sup> DOMINGUES, Francisco Contente (Direção). *Dicionário da expansão portuguesa: 1415-1600*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2016, primeiro volume, p. 286-288.

<sup>36</sup> MELLO, José Antonio Gonsalves de e ALBUQUERQUE, Cleonir Xavier de. *Cartas de Duarte Coelho a El Rei*. 2 ed. Recife: FUND AJ, Ed. Massangana, 1997, p. 18-19.

<sup>37</sup> ANCHIETA, S.J. Padre Joseph de. *Cartas*. Correspondência ativa e passiva. Edição do Pe. Hélio Abranches Viotti, S.J. São Paulo: Loyola, 1984, p. 374.

<sup>38</sup> ERMAKOFF, George (Org.) *Dicionário biográfico ilustrado de personalidades da história do Brasil*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2012, p. 356.



fundadoras do Brasil: “a Duarte Coelho, enriquecido pela experiência da Índia, entrega Dom João III a nova capitania de Pernambuco.”<sup>39</sup> A *Prosopopeia*, por ser o primeiro poema brasileiro publicado, escrito em português,<sup>40</sup> levou Rodolfo Garcia a considerar Bento Teixeira como “o pai da poesia brasileira”.

O poema de Bento Teixeira pouco capta da atmosfera local pernambucana – a presença dos indígenas, a vida agrícola, a realidade cotidiana da vila de Olinda – a não ser na “Descrição do Recife de Pernambuco”, em cinco estrofes, que não chegam a traduzir algo como um nativismo precoce, pois os versos estão contaminados pelas imagens épicas das epopeias clássicas. Embora os primeiros críticos não percebessem a influência da cultura clássica greco-latina como positiva, a *Prosopopeia* sobrevive e surpreende o leitor quando é analisada no contexto histórico-cultural de um tempo dominado pelo humanismo quinhentista que prenuncia a chegada do Barroco. Talvez por isso Wilson Martins tenha chamado o poeta de “O sub-Camões”, reconhecendo que coube a Bento Teixeira “haver iniciado, com a *Prosopopeia* de 1601, o ciclo de nossa vida literária.”<sup>41</sup>

Lembrava Andrea Ciacchi que a fortuna crítica brasileira fixou o lugar comum do “reconhecimento da superioridade do valor histórico da *Prosopopeia* com relação ao seu valor literário.”<sup>42</sup> Por isso analisar a pequena epopeia de Bento Teixeira como cópia servil dos *Lusíadas*, não percebendo que obedece à imitação poética, segundo as regras propugnadas especialmente por Quintiliano ao conceituar a *imitatio*,<sup>43</sup> é ler o legado clássico do Renascimento por viés antiquado. Pois, “en la Edad Moderna, con frecuencia la enseñanza escolar incluía la imitación. Por ejemplo, la *Ratio Studiorum* de los jesuitas, aplicada en colegios de toda Europa, preveía la utilización de la *imitatio* como ejercicio pedagógico.”<sup>44</sup> E “como não esperar que os mestres do século XVI fizessem imitar os seus modelos da antiguidade greco-latina?”<sup>45</sup> Inclusive, deve-se ressaltar que a visão equivocada de muitos

---

<sup>39</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Edição crítica Guillermo Giucci, Enrique Rodríguez Larreta e Edson Nery da Fonseca. Nota liminar Eduardo Portella. 1ª edição. Madri: Coleção Archivos, 2002, p. 37.

<sup>40</sup> O primeiro poema brasileiro impresso foi *De Gestis Mendi de Saa*, de José de Anchieta, escrito em latim e publicado em Coimbra em 1563. Confira: ANCHIETA, S.J. Pe. Joseph de. *De gestis Mendi de Saa*. Edição fac-similar do original latino com introdução de Paulo Roberto Pereira e apresentação de Eduardo Portella. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997.

<sup>41</sup> MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira (1550-1794)*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1977. 7 vols, vol. 1, pp.106-109.

<sup>42</sup> CIACCHI, Andrea. A *Prosopopeia* de Bento Teixeira: materiais e apontamentos para uma revisão historiográfica. Revista *Graphos*, João Pessoa, Pb, v. 2, n.4, p. 46-59, 1997, pp. 47-48.

<sup>43</sup> QUINTILIEN. *Institution oratoire*. Texte revu et traduit Henri Bornecque. Paris: Garnier Frères, 1954, quarto volume, livro X, pp. 54-117.

<sup>44</sup> SORIANO SANCHÁ, Guillermo. Quintiliano y la imitación estilística en el Renacimiento. *Kalakorikos*, 2014, 19, p. 43-66, especialmente p. 45.

<sup>45</sup> MIRANDA, Margarida. Uma paideia humanística. Coimbra, *HYMANITAS*, vol XLVIII, 1996, p. 243.

críticos a respeito da *imitatio* também se deu na interpretação da obra poética de Gregório de Matos ao lerem como plágio o recurso estilístico da criação intertextual.<sup>46</sup> Até mesmo porque é a Virgílio - e a sua epopeia *Eneida* – que Bento Teixeira mais se valeu para a construção da *Prosopopeia*. Pois, como enfatiza Fernando de Oliveira Mota: “Trata-se de um equívoco que se deve desfazer. Bento Teixeira apresenta mais reminiscências virgilianas do que camonianas.”<sup>47</sup> O que os “estudos têm demonstrado, entre outras coisas [é] que a composição de Bento Teixeira não é mero arremedo *d’Os Lusíadas*. A isso é possível adicionar, portanto, que a persona épica de *Prosopopeia*, êmula de poetas e historiadores antigos e modernos, entra em disputa com eles para engrandecer as *res gestae* dos heróis Albuquerque e atestar a verossimilhança poética e a verdade histórica desses feitos grandiosos.”<sup>48</sup>

Vivendo sem pouso certo entre a Bahia e Pernambuco, Bento Teixeira acabou por se fixar em Pernambuco, a partir de 1584. Enquanto adquiria fama de professor laico entre Olinda, Igarassu e outras localidades pernambucanas, deve ter escrito a *Prosopopeia* “entre 1584 e 1594”, como sugere José Antônio Gonsalves de Mello,<sup>49</sup> onde o longo braço da Inquisição lusitana foi buscá-lo por sua fama de polemista, por traduzir e divulgar obras consideradas heréticas.

Parece que a dedicatória elogiosa na *Prosopopeia* ao Governador Jorge de Albuquerque Coelho não beneficiou Bento Teixeira. Talvez por sua condição de homem pobre, como reiteradamente afirmava nos depoimentos, embora reconhecido e prestigiado como professor e poeta, não tenha atraído o mecenato do donatário pernambucano, pois se desconhece quem patrocinou a publicação do seu livro apenso ao *Naufração que passou Jorge de Albuquerque Coelho*.

Quanto ao seu poema *Prosopopeia*, não mereceu da crítica literária brasileira o reconhecimento positivo a não ser pelo seu pioneirismo de ser o primeiro poema escrito em português no Brasil a ser publicado. A ensaísta Kenia Maria de Almeida Pereira fez um

---

<sup>46</sup> GOMES, João Carlos Teixeira. *Gregório de Matos, o boca de brasa*. (Um estudo de plágio e criação intertextual). Petrópolis: Vozes, 1985.

<sup>47</sup> TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*. In: PILOTO, Afonso Luiz e TEYXEYRA, Bento. *Naufração e Prosopopeia*. Prefácio de José Antônio Gonsalves de Mello e introdução de Fernando de Oliveira Mota. 5ª ed. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1969, pp. XXXIX e XL.

<sup>48</sup> LACHAT, Marcelo. Verossimilhança poética e verdade histórica em *Prosopopeia*, de Bento Teixeira. In: FELIPE, Cleber Vinicius do Amaral; CHAUVIN, Jean Pierre [Orgs.] *Ensaio sobre Prosopopeia (1601)*, de Bento Teixeira. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, pp. 103-120, especialmente p. 117.

<sup>49</sup> MELLO, José Antonio Gonsalves de. Um intelectual cristão-novo: Bento Teixeira. In: \_\_\_\_\_. *Gente da nação*. 2 ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1996, p. 84.

levantamento sobre a *Prosopopeia* emitido pelos críticos literários brasileiros,<sup>50</sup> que observaram a má qualidade dos versos e a imitação servil a *Os lusíadas*. Kenia Pereira retoma essas questões mais adiante.<sup>51</sup> E, numa leitura intertextual da *Prosopopeia*, ela nos oferece uma leitura enriquecedora, como José Aderaldo Castello,<sup>52</sup> ao valorizar os versos da *Prosopopeia*, sem, no entanto, chegar ao exagero encomiástico de Afrânio Peixoto.<sup>53</sup>

As dúvidas que pairavam sobre a publicação e autoria da *Prosopopeia* levaram muito tempo a serem sanadas. Os estudos de Rubens Borba de Moraes<sup>54</sup> deixam claro que “até 1873 ninguém havia lido o poema, pois não se sabia da existência de um exemplar.”<sup>55</sup> Foi Francisco Adolfo de Varnhagen que encontrou, em 1872, na Biblioteca Nacional de Lisboa, o primeiro exemplar.<sup>56</sup> Nesse mesmo ano, Ramiz Galvão, diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, descobriu um segundo exemplar, separado da narrativa do *Naufração*, de que fez uma reedição em 1873.<sup>57</sup> Hoje, da edição de 1601, existem conhecidos cerca de 6 exemplares da publicação conjunta do *Naufração que passou Jorge de Albuquerque Coelho* juntamente com a *Prosopopeia*.

A *Prosopopeia* é um poema épico renascentista com 752 versos que obedece a uma estrutura clássica de decassílabo heroico, em oitava rima com 94 estrofes de oito versos com um esquema fixo em que rimam o primeiro, o terceiro e o quinto versos; o segundo, o quarto e o sexto; e o sétimo com o oitavo, ou seja, as seis primeiras rimas alternadas e as duas últimas emparelhadas (ABABABCC).

A *Prosopopeia* contém as partes tradicionais da epopeia clássica: Proposição, Invocação, Dedicatória, Narração (Descrição (Recife de Pernambuco; Canto de Proteu, estrofes 7 à 92) e Epílogo (duas últimas estrofes 93-94). Após o poema, encerrando a homenagem a Jorge de Albuquerque Coelho, há um soneto em ecos, escrito em espanhol. O assunto é a vida de Jorge de Albuquerque Coelho, mas na verdade o poema se ocupa dos três

---

<sup>50</sup> PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. *A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu*. São Paulo: Annablume, 1998, p. 65-67.

<sup>51</sup> PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. Educação e literatura: o professor e poeta Bento Teixeira entre a heresia e a censura. *FÊNIX Revista de História e Estudos Culturais*: 2008, Vol. 5, n. 1, pp. 1-13.

<sup>52</sup> CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade*. Volume I. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 77.

<sup>53</sup> TEIXEIRA, Bento. *Prosopopéa*. Prefácio de Afrânio Peixoto. Publicação da Academia Brasileira. Rio de Janeiro: *Anuário do Brasil*, 1923.

<sup>54</sup> MORAES, Rubens Borba de. Muitas perguntas e poucas respostas sobre o autor da *Prosopopeia*. In: *Comentário*. Rio de Janeiro, 1(5):1,78-88, 1964.

<sup>55</sup> MORAES, Rubens Borba de. *Bibliographia brasiliana*. 1ª edição brasileira. São Paulo: Edusp, 2010, tomo II, p. 392.

<sup>56</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência ativa*. Coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961, pp. 393-395.

<sup>57</sup> TEIXEIRA, Bento. *Prosopopéa*. Prefácio de Ramiz Galvão. 2ª ed. Rio de Janeiro: Typographia do Imperial Instituto Artístico, 1873.

primeiros donatários da capitania de Pernambuco: Duarte Coelho, Duarte Coelho de Albuquerque e Jorge de Albuquerque Coelho, além de Jerônimo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho, conhecido como o “Adão Pernambucano” pelo número de filhos que teve.

Atualmente, a *Prosopopeia* tem grande número de edições. Depois da raríssima primeira edição de 1601, tivemos a segunda preparada por Ramiz Galvão que ressalta na introdução “Ao leitor” ser esse poema “um dos primeiros documentos de nossa história literária.”<sup>58</sup> A terceira edição da *Prosopopeia* se deve ao incansável Afrânio Peixoto, que a partir da edição fac-similar de Ramiz Galvão, preparou, modernizada, a da Academia Brasileira de Letras. No seu prefácio Afrânio Peixoto ressaltar as qualidades estéticas do poema épico de Bento Teixeira.<sup>59</sup>

A quarta edição traz uma preciosa nota crítica de Gilberto Freyre “Acerca da *Prosopopeia*”. Lembra o grande intérprete do Brasil “que Bento Teixeira, escrevendo um poema de entusiasmo e ternura pelas coisas locais e pelo heroísmo dos fundadores da colônia, foi a clara antecipação”<sup>60</sup> desse nativismo que tanto valorizou, nesses séculos iniciais, o esforço dessa gente em construir uma nação. Acompanha essa quarta edição o estudo biobibliográfico de Pereira da Costa, que está inçado de enganos. Essa quarta edição da *Prosopopeia* vem em edição modernizada, mas, como as três anteriores, sem nenhuma nota crítica ao texto. Essa publicação é na verdade, sem a nota crítica de Gilberto Freyre, a reprodução da edição de 1891, aparecida no número 40 da *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*.

A partir da quinta edição da *Prosopopeia* ocorre significativa mudança de critério dos seus editores ao procurar fixar a melhor lição da língua para a leitura do texto. Assim, o poema de Bento Teixeira passa a vir acompanhado de extensas notas críticas. É o que acontece com a preparada por Fernando de Oliveira Mota acompanhada do substancial prefácio de José Antonio Gonsalves de Mello.<sup>61</sup> Além disso, a edição de Fernando de Oliveira Mota traz, juntas pela segunda vez, desde a primeira de 1601, a narrativa do *Naufração que passou Jorge de Albuquerque Coelho* e o poema *Prosopopeia*.

---

<sup>58</sup> TEIXEIRA, Bento. *Prosopopéa*. Prefácio de Ramiz Galvão. 2ª ed. Rio de Janeiro: Typographia do Imperial Instituto Artístico, 1873, p. V.

<sup>59</sup> TEIXEIRA, Bento. *Prosopopéa*. Prefácio de Afrânio Peixoto. Publicação da Academia Brasileira. 3ª ed. Rio de Janeiro: *Anuário do Brasil*, 1923, p. 14-15.

<sup>60</sup> TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*. Prefácio de Gilberto Freyre. In: *Revista de história de Pernambuco*. 4ª ed. Recife, ano I, número 1, agosto de 1927, p. XIX.

<sup>61</sup> TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*. In: PILOTO, Afonso Luiz e TEIXEIRA, Bento. *Naufração e Prosopopeia*. Prefácio de José Antonio Gonsalves de Mello e introdução de Fernando de Oliveira Mota. 5ª ed. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

A sexta e a sétima edições da *Prosopopeia* se deve ao trabalho meritório do professor Celso Cunha com a assistência de Carlos Durval. A sexta, publicada em 1972, se caracteriza por trazer junto ao texto modernizado o fac-símile do original de 1601. É uma edição pioneira em muitos aspectos, ao procurar revelar o significado de palavras obscurecidas pelo tempo.

A sétima edição da *Prosopopeia*, publicada em 1977, representou, finalmente, o acesso do leitor a um texto atualizado pelas informações pertinentes sobre o vocabulário do século XVI, matéria em que Celso Cunha é um reconhecido especialista. Sem o fac-símile da primeira edição, as extensas notas ocupam praticamente a metade da edição, trazendo informes seguros sobre a acidentada trajetória do poema de Bento Teixeira. Ressaltam os organizadores dessa sétima publicação da *Prosopopeia*:

Esta edição não é propriamente uma edição crítica, pelo menos assim o entendemos, dentro do rigoroso critério que adotamos no conceituarmos tal tipo de edição. É antes uma edição interpretativa, em que procuramos apresentar um texto fiel, acompanhado de comentários das alusões históricas e mitológicas e de notas referentes aos fatos linguísticos e literários cujo esclarecimento julgamos útil.<sup>62</sup>

A oitava edição da *Prosopopeia* traz ao lado do texto modernizado o fac-símile do original, permitindo o confronto sobre a intervenção realizada no texto desse autor quinhentista. Essa edição, preparada por três estudiosos - Milton Marques Júnior, Fabrício Possebon e Juvino Alves Maia Júnior - demonstra o cuidado com o poema de Bento Teixeira. Milton Marques Júnior escreveu uma longa introdução ao poema. É, provavelmente, a mais extensa análise dedicada exclusivamente à *Prosopopeia*, desde quando José Veríssimo publicou, na primeira década do século XX, o seu clássico estudo “O primeiro poeta brasileiro”.<sup>63</sup>

O estudo de Milton Marques Júnior, muito bem fundamentado ao analisar o embricamento da estrutura com o conteúdo do poema, confirma a benéfica influência da literatura clássica greco-latina sobre o texto de Bento Teixeira, fazendo um levantamento sobre os equívocos da crítica na compreensão da *Prosopopeia*. A sua interpretação de que “Bento Teixeira eleva o seu herói e, ao mesmo tempo, desdenha de poetas como Homero, Virgílio, Ovídio, Camões”<sup>64</sup> é questionável porque o que vê no poema como crítica a esses poetas pode ser vista como vassalagem, portanto, elogio. Por outro lado, os três estudiosos

---

<sup>62</sup> TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*. Edição de Celso Cunha e Carlos Durval. 7ª ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1977, pp. 18-19.

<sup>63</sup> VERÍSSIMO, José. O primeiro poeta brasileiro. In: *Estudos de literatura brasileira*: 4ª série. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1977, p. 21-39.

<sup>64</sup> TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*. Edição de Milton Marques Júnior, Fabrício Possebon e Juvino Alves Maia Júnior. 8ª ed. João Pessoa: Ideia Editora Universitária, 2004, pp. 17-51, especialmente p. 40.

criticam a estrutura do poema por não seguir, *pari passu*, a normativa da poética clássica, tão rigidamente obedecida por Camões. Preferiu Bento Teixeira, a seu bel-prazer, descrever “Recife de Pernambuco” e dar ao “Canto de Proteu” dois terços das estrofes, reservando para o Epílogo as estrofes finais.

Do mesmo modo, talvez não se deva ver como despropositado, que demonstraria desconhecimento das regras clássicas, Bento Teixeira se valer, às vezes simultaneamente, da mitologia greco-latina e das figuras do cristianismo. A malfadada crítica secular que vê Bento Teixeira apenas como um imitador de Camões, esquecendo que a vassalagem poética ou a imitação no conceito da poética clássica é que explica ser Virgílio discípulo de Homero e Camões de Virgílio. Se Bento Teixeira é um poeta menor diante desses três gigantes da poesia universal, não se justifica a incompreensão e o mau humor com que a crítica sempre tratou a *Prosopopeia*. A miopia da crítica sobre o pequeno poema épico de Bento Teixeira é tão grande que até a dedicatória a Jorge de Albuquerque Coelho é vista como bajulação, esquecendo que Camões dedicou o seu poema a D. Sebastião, figura medíocre da história de Portugal, embora, talvez, o rei mais famoso do país para tristeza dos portugueses esclarecidos.

A contribuição de Fabrício Possebon e Juvino Alves Maia Júnior para essa oitava edição da *Prosopopeia* está centrada nas notas explicativas sobre o texto do poema. As notas são valiosíssimas ao demonstrarem acurada pesquisa sobre os principais autores da literatura clássica greco-latina que Bento Teixeira utilizou com competência, tornando, provavelmente, essa a melhor edição da *Prosopopeia*. Os seus organizadores - Milton Marques Júnior, Fabrício Possebon e Juvino Alves Maia Júnior – fizeram uma edição bem cuidada, modernizada sem exagero no vocabulário e na pontuação, valorizada pelas ilustrações que acompanham o texto.

A nona edição da *Prosopopeia* traz, como as duas últimas publicações do poema de Bento Teixeira, o texto modernizado sem o fac-símile do original. A introdução a essa nova edição ficou a cargo de Marcello Moreira,<sup>65</sup> conhecido estudioso do Brasil colonial.

O texto é antecedido de um excelente estudo situando a *Prosopopeia* entre os poemas épicos do tempo e, particularmente, ressaltando a benéfica influência de Homero, Virgílio e Camões. Ao final, o estudo introdutório traz seus critérios de edição, demonstrando os recursos utilizados para modernizar a língua utilizada por Bento Teixeira no século XVI. Contudo, escapou ao organizador atualizar o vocábulo **trances** para **transes**, na estrofe IV,

---

<sup>65</sup> TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*. In: MOREIRA, Marcello (Apresentação). Louvor e história em *Prosopopeia*. Idem: TEIXEIRA, Ivan (Org.) *Multiclássicos épicos*. 9ª ed. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial, 2008, pp. 93-155.

segundo verso, em que ele ainda reproduz a antiga construção: “A **trances** e conflitos temerosos,” em vez de “A **transes** e conflitos temerosos.”. O mesmo acontecendo na estrofe LXXI, quinto verso, também reproduzindo a antiga construção: “Nos mais riscosos **trances**, nos apertos,” em vez de “Nos mais riscosos **transes**, nos apertos,”, como fizeram Milton Marques Júnior, Fabrício Possebon e Juvino Alves Maia Júnior, organizadores da oitava edição.

Marcello Moreira na sua excelente introdução a nona edição enfatiza que o poema de Bento Teixeira é um canto laudatório à família Albuquerque Coelho na conquista do território indígena que veio a se transformar na capitania de Pernambuco. Assim, para construir a Nova Lusitânia foi necessário o massacre dos povos originários do Nordeste brasileiro, pois “Bento Teixeira, ao mencionar o ‘braço invicto’ dos portugueses em sua ação colonizadora e civilizadora, associa de forma indiscutível o avanço da ‘civilização’ à força do braço armado, assim como equaciona ‘força’ à ‘imposição da fé católica’”.<sup>66</sup> Essa análise confirma as críticas de José de Anchieta, contemporâneo de Bento Teixeira e como ele também autor de uma epopeia sobre a colonização portuguesa do Brasil, de que a família Albuquerque Coelho por não se preocupava com a conversão do gentio, movendo campanha de extermínio dos indígenas e pagando alto preço por isso:

Da capitania de Pernambuco foi senhor e povoador Duarte Coelho. Nunca houve nela conversão de gentio; guerras muitas e alguns combates de franceses em vida de Duarte Coelho, e muitas mais em tempo de seu filho Duarte Coelho, o qual deu tanta guerra aos índios com favor de um clérigo que se tinha por nigromântico que destruiu toda a sua capitania e assim desde o rio de S. Francisco até lá, que são 50 léguas, não há povoação de índios, e fica agora sem nenhuma ajuda deles, e é agora aquela capitania com a de Itamaracá, que toda se reputa por uma, mui molestada dos índios pitiguares, moradores do rio chamado Paraíba, onde têm grande comércio os franceses por causa do pau de brasil, e os ajudam nas guerras e fazem muito mal por terra e por mar aos portugueses, os quais não têm índios amigos que os ajudem porque os destruíram todos.<sup>67</sup>

Como estamos pontuando neste ensaio, há uma crítica generalizada ao poema de Bento Teixeira. Essa crítica, de modo geral, não notou qualidade estética nos versos quinhentistas da *Prosopopeia*. Tudo é motivo de desdouro ao trabalho do poeta que escolheu Pernambuco para viver. Até a crítica que Bento Teixeira faz aos deuses mitológicos nas estrofes II, VI e XXIV tornaram-se motivo de azedume. Desvio que na poesia épica da Renascença não soava estranho. Assim, pensamos diferente no julgamento estético da

---

<sup>66</sup> TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*. In: MOREIRA, Marcello (Apresentação). Louvor e história em *Prosopopeia*. Idem: TEIXEIRA, Ivan (Org.) *Multiclássicos épicos*. 9ª ed. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial, 2008, p. 108.

<sup>67</sup> ANCHIETA, S.J. Padre Joseph de. *Textos históricos*. Edição do Pe. Hélio Abranches Viotti, S.J. São Paulo: Loyola, 1989, p. 41.

*Prosopopeia*. Para o primeiro poema escrito por leigo num Brasil que dava os seus primeiros passos, a *Prosopopeia* tem bons momentos que merecem ser lidos. Vamos transcrever e comentar algumas estrofes do poema épico de Bento Teixeira de acordo com as lições das edições preparadas por Celso Cunha e Carlos Durval, de 1977<sup>68</sup>; e a preparada por Milton Marques Júnior, Fabrício Possebon e Juvino Alves Maia Júnior, em 2004.<sup>69</sup>

A Dedicatória e a Proposição, formada por um conjunto de seis estrofes, se encerra com a estrofe VI, iniciando a narração na estrofe VII.

#### VI

O marchetado Carro do seu Febo  
Celebre o Sulmonês, com falsa pompa,  
E a ruína cantando do mancebo,  
Com importuna voz, os ares rompa.  
Que, posto que do seu licor não bebo,  
À fama espero dar tão viva trompa,  
Que a grandeza de vossos feitos cante,  
Com som que Ar, Fogo, Mar e Terra espante.

Da estrofe XVII à XXI temos a “Descrição do Recife de Pernambuco”, em que a estrofe XIX é dedicada ao significado do nome Pernambuco. É um momento em que o poema se liberta das amarras da mitologia greco-latina exaltando a natureza que circunda a costa pernambucana, particularmente a barra na entrada de Recife.

#### XIX

Em o meio desta obra alpestre e dura,  
Uma boca rompeu o Mar inchado,  
Que, na língua dos bárbaros escura,  
Pernambuco de todos é chamado.  
de Para'na, que é Mar; Puca, rotura,  
Feita com fúria desse Mar salgado,  
Que, sem no derivar, cometer míngua,  
Cova do Mar se chama em nossa língua.

Na estrofe XXII começa o Canto de Proteu que irá narrar as aventuras da família Coelho, especialmente a vida aventureira de Jorge de Albuquerque Coelho.

#### Canto de Proteu

---

<sup>68</sup> TEIXEIRA, Bento. *Prosopopéia*. Edição de Celso Cunha e Carlos Durval. 7ª ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1977.

<sup>69</sup> TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*. Edição de Milton Marques Júnior, Fabrício Possebon e Juvino Alves Maia Júnior. 8ª ed. João Pessoa: Ideia Editora Universitária, 2004.



## XXII

Pelos ares retumbe o grave acento,  
De minha rouca voz, confusa e lenta,  
Qual trovão espantoso e violento  
De repentina e tórrida tormenta.  
Ao Rio de Aqueronte turbulento,  
Que em sulfúreas borbulhas arrebenta,  
Passe com tal vigor, que imprima espanto  
Em Minos rigoroso e Radamanto.

A partir da estrofe XXXIII começa a descrição do massacre dos indígenas que se rebelavam contra a escravização imposta por Jerônimo de Albuquerque, especialmente o último verso dessa estrofe: “Aos bárbaros dar total exício.”

A estrofe XXXV evoca o fado, o destino, a sorte a que todos estão sujeitos na inconstância do mundo.

## XXXV

Ó sorte tão cruel, como mudável,  
Por que usurpas aos bons o seu direito?  
Escolhes sempre o mais abominável,  
Reprovas e abominas o perfeito,  
O menos digno fazes agradável,  
O agradável mais, menos aceito.  
Ó frágil, inconstante, quebradiça,  
Roubadora dos bens e da justiça!

Tratando os povos nativos como “bárbaros” por não se submeterem aos valores dos colonizadores e não aceitarem a escravização, o poema louva a colonização portuguesa e o domínio de Pernambuco pela família Coelho Albuquerque, como se enfatiza na estrofe XLV:

## XLV

Porque Lémnio cruel, de quem descende  
A Bárbara progênie e insolência,  
Vendo que o Albuquerque tanto ofende  
Gente que dele tem a descendência,  
Com mil meios ilícitos pretende,  
Fazer irreparável resistência  
Ao claro Jorge, varonil e forte,  
Em quem não dominava a vária sorte.

Na estrofe LX o poeta antecipa a felicidade que terá Jorge de Albuquerque Coelho, após a difícil viagem empreendida do Brasil a Portugal, em 1565, que motivou a narrativa trágico-marítima *Naufração que passou Jorge de Albuquerque Coelho, Capitão e Governador de Pernambuco*.

LX

Olhai o grande gozo e doce glória,  
Que tereis quando, postos em descanso,  
Contardes esta larga e triste história,  
Junto do pátrio lar, seguro e manso.  
O que vai da batalha a ter vitória,  
O que do Mar inchado a um remanso,  
Isso então haverá de vosso estado  
Aos males que tiverdes já passado.

A estrofe LXXIV, uma das principais do poema, pela habilidade e maestria no emprego dos recursos estilísticos, traz para o leitor a descrição das cenas que compõem a batalha de Alcácer-Quibir. Assim o som e a fúria mauritanas convergem na derrota das hostes portuguesas, mediante o uso intensivo da anáfora no emprego da preposição “entre”; a aliteração de fonemas vibrantes e sonoros, além da assonância na repetição dos fonemas nasais. Enfim, é como se o leitor pudesse ouvir os sons da batalha nas espadas se encontrando, no rufar dos tambores, no tropel dos cavalos e nos tiros disparados pelas armas de fogo:

LXXIV

Entre armas desiguais, entre tambores,  
De som confuso, rouco e redobrado,  
Entre cavalos bravos corredores,  
Entre a fúria do pó, que é salitrado;  
Entre sanha, furor, entre clamores,  
Entre tumulto cego e desmandado,  
Entre nuvens de setas Mauritanas,  
Andará o Rei das gentes Lusitanas.

Da estrofe LXXV à LXXIX temos cinco momentos capitais na narrativa do poema que prenunciam a morte do rei D. Sebastião. Na estrofe LXXV a cena começa dramática com o choro de Jorge de Albuquerque Coelho ao ver D. Sebastião perdido no meio da batalha.

Nas estrofes LXXVI, LXXVII e LXXVIII se dá a famosa cena em que Jorge de Albuquerque Coelho oferece a D. Sebastião o seu próprio cavalo para que o rei possa escapar vivo da derrota. Aqui o herói é Jorge de Albuquerque Coelho pela grandeza do seu gesto na tentativa de salvar o seu rei.

Na estrofe LXXIX, a penúltima da ação do herói na batalha de Alcácer-Quibir, Jorge de Albuquerque Coelho sente que a vida de D. Sebastião está perdida. Então, volta para o campo de batalha lutando até ser vencido pela grande força numérica de soldados mouros.

### LXXV

No animal de Netuno, já cansado  
Do prolixo combate e mal ferido,  
Será visto por Jorge sublimado,  
Andando quase fora de sentido.  
O que vendo o grande Albuquerque ousado,  
De tão trágico passo condoído,  
Ao peito fogo dando, aos olhos água,  
Tais palavras dirá, tintas em mágoa:

### LXXVI

– Tão infelice Rei, como esforçado,  
Com lágrimas de tantos tão pedido,  
Com lágrimas de tantos alcançado,  
Com lágrimas do Reino, em fim perdido.  
Vejo-vos co cavalo já cansado,  
A vós, nunca cansado, mas ferido,  
Salvai em este meu, a vossa vida,  
Que a minha pouco vai em ser perdida.

### LXXVII

Em vós do Luso Reino a confiança  
Estriba, como em base só fortíssimo;  
Com vós ficardes vivo, segurança  
Lhe resta de ser sempre florentíssimo.  
Entre duros farpões e Maura lança,  
Deixai este vassalo fidelíssimo,  
Que ele fará por vós mais que Zopiro  
Por Dario, até dar final suspiro.

### LXXVIII

Assim dirá o Herói, e com destreza  
Deixará o ginete velocíssimo,  
E a seu Rei o dará: Ó Portuguesa  
Lealdade do tempo florentíssimo!  
O Rei promete, se de tal empresa  
Sai vivo, o fará senhor grandíssimo,  
Mas ‘te nisto lhe será avara a sorte,  
Pois tudo cobrirá com sombra a morte.

### LXXIX

Com lágrimas d’amor e de brandura,  
De seu Senhor querido, ali se espede,  
E que a vida importante e mal segura  
Assegurasse bem, muito lhe pede.  
Torna à batalha sanguinosa e dura,  
O esquadrão rompe dos de Mafamede,  
Lastima, fere, corta, fende, mata,  
Decepa, apouca, assola, desbarata.

Da estrofe LXXXIII à LXXXVII a narrativa apresenta o discurso de Duarte de Albuquerque Coelho incitando os soldados portugueses para que lutem contra os mouros na batalha de Alcácer-Quibir. Eles, no entanto, fogem covardemente do campo de batalha, mesmo antes de serem derrotados. A covardia dos soldados lusitanos na batalha está sintetizada na estrofe LXXXVII, talvez a mais significativa do poema por destacar o heroísmo dos irmãos Albuquerque.

#### LXXXVII

Assim dirá: mas eles sem respeito  
À honra e ser de seus antepassados,  
Com pálido temor no frio peito,  
Irão por várias partes derramados.  
Duarte, vendo neles tal defeito,  
Lhe dirá: “- Corações efeminados,  
Lá contareis aos vivos o que vistes,  
Porque eu direi aos mortos que fugistes.”

Após a transcrição de algumas estrofes da *Prosopopeia* reveladoras de que a poesia de Bento Teixeira não se constitui somente de versos ruins, como afirmava José Veríssimo no primeiro importante estudo sobre a obra do professor cristão-novo, se constata que é o mesmo José Veríssimo que ressalta ser “por Bento Teixeira [que] entrou o influxo poderoso e fecundo de Camões na literatura brasileira.”<sup>70</sup> Talvez por causa desse influxo camoniano se tenham relegado outros aspectos determinantes existentes no poema de Bento Teixeira. Pois, como assinalou Guilherme Amaral Luz: “O canto de Proteu em louvor aos Albuquerque, visto assim, é mais do que por merecimento ou por adulação; ele se dá por necessidade política de memória.”<sup>71</sup> Por outro lado, Jean Pierre Chauvin na sua “Revisão de Bento Teixeira” defende o ponto de vista, dominante na crítica brasileira das últimas décadas do século XX, de que o poema *Prosopopeia* foi equivocadamente analisado, sendo visíveis as suas qualidades estéticas ao inserir a obra na longa tradição da poética clássica.<sup>72</sup>

Deve-se notar, por exemplo, a tese da presença da temática nativista na *Prosopopeia*, como defenderam Sílvio Romero, Gilberto Freyre e José Aderaldo Castello, interpretação

---

<sup>70</sup> VERÍSSIMO, José. O primeiro poeta brasileiro. In: *Estudos de literatura brasileira*: 4ª série. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1977, p. 34-35.

<sup>71</sup> LUZ, Guilherme Amaral. O Canto de Proteu ou a corte na colônia em *Prosopopeia* (1601), de Bento Teixeira. In: FELIPE, Cleber Vinicius do Amaral; CHAUVIN, Jean Pierre [Orgs.] *Ensaio sobre Prosopopeia* (1601), de Bento Teixeira. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, pp. 25-52, especialmente p. 52.

<sup>72</sup> CHAUVIN, Jean Pierre. Revisão de Bento Teixeira. In: FELIPE, Cleber Vinicius do Amaral; CHAUVIN, Jean Pierre [Orgs.] *Ensaio sobre Prosopopeia* (1601), de Bento Teixeira. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, pp. 53-77.

relegada nos estudos mais recentes. De fato, excetuando as poucas estrofes dedicadas ao porto do Recife, o que o poema canta são as façanhas de Jorge de Albuquerque Coelho em que o Brasil é apenas um cenário para melhor exaltação ao donatário da capitania de Pernambuco.

É que a *Prosopopeia*, típica gesta renascentista, traz não só o brilho de exaltação pelo passado heroico de gregos e de romanos; mas também dos lusitanos cantados por Camões. Assim, o poema de Bento Teixeira como literatura encomiástica e laudatória à elite colonial, pouco tem a ver com a realidade da capitania de Pernambuco, a não ser na exaltação ao extermínio dos povos nativos para a expansão dos domínios da família Albuquerque Coelho.

### **Bibliografia de e sobre Bento Teixeira**

ALVES, Luiz Roberto. *Confissão, poesia e inquisição*. São Paulo, Ática, 1983.

ANCHIETA, S.J. Padre Joseph de. *Cartas*. Correspondência ativa e passiva. Edição do Pe. Hélio Abranches Viotti, S.J. São Paulo: Loyola, 1984.

ANCHIETA, S.J. Padre Joseph de. *Textos históricos*. Edição do Pe. Hélio Abranches Viotti, S.J. São Paulo: Loyola, 1989.

ANCHIETA, S.J. Padre Joseph de. *De gestis Mendi de Saa*. Edição fac-similar do original latino com introdução de Paulo Roberto Pereira e apresentação de Eduardo Portella. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997.

BASTOS, José Timóteo da Silva. *História da censura intelectual em Portugal*. 2 ed. Lisboa: Moraes, 1983, especialmente p. 37-56.

BUENO, Alexei. *Uma história da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2007.

CASTELLO, José Aderaldo. *Manifestações literárias do período colonial*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade*. Volume I. São Paulo: EDUSP, 1999.

CHAUVIN, Jean Pierre. Revisão de Bento Teixeira. In: FELIPE, Cleber Vinicius do Amaral; CHAUVIN, Jean Pierre [Orgs.] *Ensaio sobre Prosopopeia* (1601), de Bento Teixeira. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, pp. 53-77.

CIACCHI, Andrea. *A Prosopopeia* de Bento Teixeira: materiais e apontamentos para uma revisão historiográfica. *Revista Graphos*, João Pessoa, Pb, v. 2, n.4, 1997, p. 46-59.

COSTIGAN, Lúcia Helena. Literatura, meio-ambiente e questões sócio-antropológicas: letrados barrocos e intelectuais pós-modernos. *Revista Iberoamericana*. Vol. LXIII, Num. 181, Outubro-Diciembre 1997; 607-620.

COSTIGAN, Lúcia Helena. El judío letrado: del Brasil postmoderno al colonial. *Revista de Investigaciones*. Caracas, ano 4, n. 8, pp. 59-70, jul./dic. 1996.

DOMINGUES, Francisco Contente (Direção). *Dicionário da expansão portuguesa: 1415-1600*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2016, primeiro volume, p. 286-288.

ERMAKOFF, George (Org.) *Dicionário biográfico ilustrado de personalidades da história do Brasil*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2012, pp. 1233-1234.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. *Os rios turvos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Edição crítica Guillermo Giucci, Enrique Rodríguez Larreta e Edson Nery da Fonseca. Nota liminar Eduardo Portella. 1ª edição. Madri: Coleção Archivos, 2002.

GARCIA, Rodolfo (introdução). *Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça. Denúncias de Pernambuco, 1593-1595*. São Paulo: Paulo Prado, 1929.

GOMES, João Carlos Teixeira. *Gregório de Matos, o boca de brasa*. (Um estudo de plágio e criação intertextual). Petrópolis: Vozes, 1985.

HALFIM, Miriam. *O língua-solta*. Rio de Janeiro: Réptil, 2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de literatura colonial*. Org. Antonio Candido. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 39.

LCHAT, Marcelo. Verossimilhança poética e verdade histórica em *Prosopopeia*, de Bento Teixeira. In: FELIPE, Cleber Vinicius do Amaral; CHAUVIN, Jean Pierre [Orgs.] *Ensaio sobre Prosopopeia (1601)*, de Bento Teixeira. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, pp. 103-120.

LUZ, Guilherme Amaral. O Canto de Proteu ou a corte na colônia em *Prosopopeia (1601)*, de Bento Teixeira. In: FELIPE, Cleber Vinicius do Amaral; CHAUVIN, Jean Pierre [Orgs.] *Ensaio sobre Prosopopeia (1601)*, de Bento Teixeira. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, pp. 25-52.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca lusitana*. Lisboa: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, tomo I, 1741, p. 512.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira (1550-1794)*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1977. 7 vols, vol. 1, pp.106-109.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. Um intelectual cristão-novo: Bento Teixeira. In: \_\_\_\_\_. *Gente da nação*. 2 ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1996. p. 81-116.

MELLO, José Antonio Gonsalves de e ALBUQUERQUE, Cleonir Xavier de. *Cartas de Duarte Coelho a El Rei*. 2 ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1997.

MENDOÇA, Heitor Furtado de. *Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil. Confissões da Bahia: 1591-1592*. Prefácio de J. Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1935.

MIRANDA, Margarida. Uma paideia humanística. Coimbra, *HYMANITAS*, vol XLVIII, 1996, p. 43.

MORAES, Rubens Borba de. Muitas perguntas e poucas respostas sobre o autor da *Prosopopeia*. In: *Comentário*. Rio de Janeiro, 1(5):1,78-88, 1964.

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliographia brasiliiana*. 1ª edição brasileira. São Paulo: Edusp, 2010, tomo II, p. 392.

MOREIRA, Marcello. Louvor e história em *Prosopopeia*. In: TEIXEIRA, Ivan (Org.) *Multiclássicos épicos*. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial, 2008, pp. 93-155.

MUHAMA, Adma. Bento Teixeira. Epopeia de derrotas. In: FERNANDES, Annie Gisele e OLIVEIRA, Paulo Moita (Org.). *Literatura Portuguesa Aquém-Mar*. Campinas: Komedi, 2005, pp. 151-168.

NOVINSKY, Anita. *Inquisição: prisioneiros do Brasil*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2002.

NOVINSKY, Anita e CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (orgs.). *Inquisição: ensaios sobre mentalidade, heresias e arte*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1992.

NOVOA, James Nelson. A Family of the Nação from the Atlantic to the Mediterranean and Beyond (1497-1640). In: Kaplan, Yosef (Edited). *Religious Changes and Cultural Transformations in The Early Modern Western Sephardic Communities*. Leiden/Boston: Brill, 2020, pp. 22-42, p. 23.

PEREIRA, Paulo Roberto. *As comédias de Antônio José, O Judeu*. São Paulo: Martins, 2007.

PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. *A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu*. São Paulo: Annablume, 1998.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. Educação e literatura: o professor e poeta Bento Teixeira entre a heresia e a censura. *FÊNIX Revista de História e Estudos Culturais*: 2008, Vol. 5, n. 1, pp. 1-13.

PORTELLA, Eduardo. Renascimento e contra-renascimento no Brasil. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 48:3-20, 1977.

Processo de Bento Teixeira, cristão-novo, mestre de gramática, viúvo, natural da Cidade do Porto, residente na Vila de Olinda, Capitania de Pernambuco, no Brasil, preso nos cárceres do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa. Processo nº 5.206 do Cartório da Inquisição de Portugal. Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

ANTT <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=2305219>

QUINTILIIEN. *Institution oratoire*. Texte revu et traduit Henri Bornecque. Paris: Garnier Frères, 1954, quarto volume, livro X, pp. 54-117.

RÉVAH, I. S. *La censure inquisitoriale portugaise au XVI.e siècle*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1960.

RÉVAH, I. S. “La religion d'Uriel da Costa. Marrane de Porto (d'après des documents inédits)”. *Revue de l'histoire des religions*. Année 1962 (161-1), 45-76.

RIBEIRO, Eneida Beraldi. *Bento Teixeira e a Inquisição: Um testemunho do pensamento colonial*. São Paulo: Editora Maayanot, 2017.

Rinaldi, Lucinéa. *Entre a Prosopopeia e a viagem: Poética e narrativa por letras coloniais*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.

SÁ, Artur Moreira de. *Índice dos livros proibidos em Portugal no século XVI*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983.

SARAIVA, António José. *Inquisição e cristãos-novos*. 4 ed. Porto: Inova, 1969.

SIQUEIRA, Sônia Aparecida. O cristão-novo Bento Teixeira: cripto-judaísmo no Brasil Colônia. Separata da *Revista de História*, nº 90. São Paulo, 1972.

SIQUEIRA, Sonia A. *A inquisição portuguesa e a sociedade colonial*. São Paulo: Ática, 1978.

SORIANO SANCHA, Guillermo. Quintiliano y la imitación estilística en el Renacimiento. *Kalakorikos*, 2014, 19, p. 43-66.

SOUSA, J. Galante de. *Em torno do poeta Bento Teixeira*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1972.

SOUSA, J. Galante de. Bento Teixeira. In: COUTINHO, Afrânio e SOUSA, J. Galante (Dir.). *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2 ed. São Paulo: Global, 2001, p.1560.

SOUZA, Juarlyson Jhones Santos de. O mestre de moços: Bento Teixeira e a cultura letrada na América Portuguesa em fins do século XVI (c. 1566- c. 1595). Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2015.

TEIXEIRA, Bento. *Prosopopea*. Lisboa: Antonio Alvarez, 1601. Edição conjunta da *Prosopopeia* com o *Naufração que passou Jorge de Albuquerque Coelho, Capitão e Governador de Pernambuco*, do piloto Afonso Luís. Primeira edição.

TEIXEIRA, Bento. *Prosopopéa*. Prefácio de Ramiz Galvão. 2ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1873.

TEIXEIRA, Bento. *Prosopopéa*. Prefácio de Afrânio Peixoto. Publicação da Academia Brasileira. 3ª ed. Rio de Janeiro: *Anuário do Brasil*, 1923.



TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*. Prefácio de Gilberto Freyre. In: *Revista de história de Pernambuco*. 4ª ed. Recife, ano I, número 1, agosto de 1927.

TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*. In: PILOTO, Afonso Luiz e TEIXEIRA, Bento. *Naufragio e Prosopopeia*. Prefácio de José Antônio Gonsalves de Mello e introdução de Fernando de Oliveira Mota. 5ª ed. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

TEIXEIRA, Bento. *Prosopopéia*. Edição de Celso Cunha e Carlos Duval. 6ª ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972. Reproduz o texto original de 1601 em fac-símile.

TEIXEIRA, Bento. *Prosopopéia*. Edição de Celso Cunha e Carlos Durval. 7ª ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1977.

TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*. Edição de Milton Marques Júnior, Fabrício Possebon e Juvino Alves Maia Júnior. 8ª ed. João Pessoa: Ideia Editora Universitária, 2004.

TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*. In: MOREIRA, Marcello (Apresentação). Louvor e história em *Prosopopeia*. Idem: TEIXEIRA, Ivan (Org.) *Multiclássicos épicos*. 9ª ed. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial, 2008, pp. 93-155.

TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*. In: TEIXEIRA, Ivan. *Raízes: Roteiro da poesia brasileira*. Seleção e prefácio de Ivan Prado Teixeira; direção de Edla van Steen. 10ª ed. São Paulo: Global, 2008. p. 63-96.

VAINFAS, Ronaldo. A inquisição e o cristão-novo no Brasil colonial. In: PEREIRA, Paulo Roberto (Org.). *Brasiliana da Biblioteca Nacional: Guia das fontes sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional/ Nova Fronteira, 2001, p. 143-159.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência ativa*. Coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961, pp. 393-395.

VERÍSSIMO, José. O primeiro poeta brasileiro. In: *Estudos de literatura brasileira: 4ª série*. Belo Horizonte: Itataia; São Paulo: EDUSP, 1977, p. 21-39.

VILAR, Gilberto. *O primeiro brasileiro*. São Paulo: Marco Zero, 1995.

WIZNITZER, Arnold. *Os judeus no Brasil colonial*. Tradução de Olivia Krähenbühl. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1966, p. 23-27.